

INTRODUÇÃO

A continuidade da vida

No início, éramos todas e todos o mesmo ser vivo. Compartilhamos o mesmo corpo e a mesma experiência. Desde então, as coisas não mudaram tanto. Multiplicamos as formas e maneiras de existir. Mas ainda hoje somos a mesma vida. Há milhões de anos, essa vida transmite-se de corpo em corpos, de indivíduo em indivíduos, de espécie em espécies, de reino em reino. Certamente, ela desloca, transforma-se. Mas a vida de cada ser vivo não começa com seu próprio nascimento: ela é muito mais antiga.

Consideremos nossas existências. Nossa vida, aquilo que imaginamos ser o que há de mais íntimo e incomunicável em nós, não vem de nós, não tem nada de exclusiva ou pessoal: ela nos foi transmitida por outrem, animou outros corpos, outros pedaços de matéria, além daquela que nos abriga. Durante nove meses, o lado inapropriável e inassinável da vida que nos anima e nos desperta foi uma evidência física, material. Fomos o mesmo corpo, os mesmos humores, os mesmos átomos que a nossa mãe. Somos essa vida que compartilha o corpo de um outro, prolongada e levada para outro lugar.

É o sopro de um outro que se prolonga no nosso, o sangue de um outro que circula em nossas veias, é o DNA que um outro nos deu que esculpe e cinzela nosso corpo. Se nossa vida começa bem antes do nosso nascimento, ela termina bem depois da nossa morte. Nosso sopro não vai esgotar-se em nosso cadáver: vai alimentar todos aqueles que encontrarem nele uma ceia para celebrar.

Nossa humanidade tampouco é um produto originário e autônomo. Ela também é um prolongamento e uma metamorfose de uma vida anterior. Ela é, mais precisamente, uma invenção que os primatas – uma outra forma de vida – souberam extrair de seus próprios corpos – do seu sopro, do seu DNA, da sua maneira de viver – para fazer existir de forma diferente a vida que os habitava e os animava. Foram eles que nos transmitiram essa forma – e,

através da forma de vida humana, são eles que continuam a viver em nós. Aliás, os próprios primatas são apenas uma experimentação e uma aposta feita por outras espécies, outras formas de vida. A evolução é uma mascarada que acontece no tempo e não no espaço. Ela permite que toda espécie, de era em era, use uma nova máscara diante daquela que a gerou, e, aos filhos e filhas, que não se deixem reconhecer e não reconheçam mais seus pais. E, no entanto, apesar da troca de máscara, “espécies-mães” e “espécies-filhas” são uma metamorfose da mesma vida. Cada uma das espécies é um “*patchwork*” de pedaços extraídos de outras espécies. Nós, as espécies vivas, nunca deixamos de trocar peças, linhas, órgãos, e o que cada um de nós é, aquilo a que chamamos espécie, é apenas o conjunto das técnicas que cada ser vivo tomou emprestado de outros. É por causa dessa continuidade na transformação que toda espécie compartilha com centenas de outras uma infinidade de traços. Compartilhamos o fato de ter olhos, orelhas, pulmões, um nariz, sangue quente com milhões de outros indivíduos, com milhões de outras espécies – e em todas essas formas somos apenas parcialmente humanos. Cada espécie é a metamorfose de todas aquelas que vieram antes dela. Uma mesma vida que molda para si um novo corpo e uma nova forma para existir de uma maneira diferente.

É o significado mais profundo da teoria da evolução darwiniana, aquela que a biologia e o discurso público não querem ouvir: as espécies não são substâncias, entidades reais. Elas são “jogos de vida” (no mesmo sentido que falamos de “jogo de linguagem” para o discurso), configurações instáveis e necessariamente efêmeras de uma vida que gosta de transitar e circular de uma forma em outra. Ainda não extraímos todas as consequências da intuição darwiniana: afirmar que as espécies estão ligadas por uma relação genealógica não significa simplesmente que os seres vivos constituem uma grande família ou um clã. Isso significa, sobretudo, estabelecer que a identidade de cada espécie é meramente relativa: se os macacos são os pais e os homens os filhos, somos humanos apenas graças e perante os macacos, da mesma forma que cada um de nós não é filho ou filha em um sentido absoluto, mas apenas em relação à sua mãe e ao seu pai. Toda identidade específica define exclusivamente a fórmula de continuidade (e da metamorfose) com outras espécies.

Essas considerações também se aplicam ao conjunto dos seres vivos. Não há oposição entre o vivo e o não vivo. Todo ser vivo não apenas está em

continuidade com o não vivo, mas ele é seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema.

A vida é sempre a reencarnação do não vivo, a bricolagem do mineral, o carnaval da substância telúrica do planeta – Gaia, a Terra – que não para de multiplicar suas faces e seus modos de ser na mínima partícula de seu corpo díspar, heteróclito. Cada eu é um veículo para a Terra, uma nave que permite ao planeta viajar sem se mover.